

O ARCHEOLOGO PORTUGUÊS

COLLECÇÃO ILLUSTRADA DE MATERIAES E NOTICIAS

PUBLICADA PELO

MUSEU ETHNOLOGICO PORTUGUÊS

VOL. XI

MAIO A AGOSTO DE 1906

N.º 5 A 8

Antiguidades do Concelho do Sabugal

Continuando as humildes linhas a respeito do Sabugal, vamos hoje dar noticia das ruinas de Caria Atalaia, existentes num elevado monte banhado pelo rio Coa, em frente da Rapoula, mas pertencente á freguesia da Ruvina, que fica a tres kilometros da margem direita d'esse rio.

O cabeço de Caria Atalaia ou da Senhora das Preces, nome por que é mais conhecido, ornado de vetustos carvalhos e verdejantes pinhaes e coroado por penhascos alvissimos de quartzo e granito, offerece um aspecto pitoresco, especialmente visto do lado NO.

É, porém, na encosta oriental que o amator de antiguidades ainda pode examinar restos da vetusta fortaleza e povoação ha muito desaparecida.

Do lado SE. existe ainda um grande lanço de muralha, formada de grossas e regulares camadas de cantaria granitica.

A muralha cercava o monte, sendo nalguns sitios substituida por elevadissimos rochedos escarpados.

No interior nada apparece a descoberto que se offereça digno de exame, porque tudo foi revolvido para plantação de vinha, sendo arrasado um torreão e grande porção da muralha.

O que ali atrae muitos visitantes é a ermida da invocação da Senhora dos Prazeres, onde annualmente se celebra uma festividade, no domingo de Paschoela, sempre muito concorrida; hoje, porém, menos, por causa das desordens que costumava haver, devidas principalmente ao facto de nesse dia ali se reunirem os habitantes de sete freguesias que, em romagem com o parochi e insignias proprias do culto, subiam a ingreme encosta, que ostentava aspecto deslumbrante, sobretudo, quando o povo reunido em volta da ermida offerecia as variegadas côres dos seus vestidos, as irmandades exhibiam as vermelhas e compridas

opas e os mocetões mais afamados desfraldavam ao vento as bandeiras, estandartes ou guiões de damascos preciosos.

Mas o elevado criterio de um prelado restringira a romaria á povoação da Ruvina, o que não representou, comtudo remedio infallivel contra as desordens, porque em 17 de abril de 1898 houve no cimo do monte uma desordem medonha, em que ficou morto Manoel Francisco Galante, um dos mais valentes rapazes da Rapoula, ficando muitos feridos de ambos os lados, tendo pena de prisão correccional dois dos que foram pronunciados.

A ermida e casas adjacentes foram construidas com pedra tirada das muralhas. Na parede rebocada das casas contiguas existem umas inscripções, dispostas d'este modo e com os seguintes caracteres:

A Ω B M E
H S I O L

165

N E M G E M .

O L E M E A I V E S

M E N T E V N I D A

A V D P A . ~ E D M R

Correm a respeito d'esta extincta povoação varias lendas, que o povo diz ter desaparecido ora em virtude de uma praga de formigas, ora em seguida a uma guerra em que ficou arrasada. É verosimil a ultima versão, mas quando se deu tal acontecimento?

Na *Monarchia Lusitana* diz-se a tal respeito «El Rey D. Fernando, o Sancto, filho deste Rey D. Affonso & da Rainha D. Berengela. . . deu foral (ao Sabugal) e por termo Villar Maior e Caria Talaya, outra povoação e castello a duas leguas do Sabugal, para o Norte, de que hoje não ha mais que ruinas».

Já no tempo em que se escreveu a *Monarchia Lusitana* não existiam senão ruinas de Caria Talaia. Devia ter sido povoação e castello importante no dominio leonês, sendo natural que decaísse e fosse abandonada depois que D. Dinis fez a conquista do Riba-Coa, dando grande importancia ao Sabugal, Villar Maior e Alfaiates, visto que o Coa não era já a linha divisoria entre Portugal e Leão. Vê-se que já no tempo de Fernando, o Santo, tinha pouca importancia.

Villares

Tendo tratado de Caria Atalaia, occorre dizer algumas palavras a respeito dos Villares, sitio que jaz na outra margem do Coa a poucos kilometros das ruinas que acabámos de visitar. Fica o sitio dos Villares

a pequena distancia do rio, no limite da antiga Villa do Touro, numa arida campina onde a custo medra a giesta, e o centeio,—de tres em tres annos, mal paga ao lavrador o trabalho da sementeira.

Afirmava-se que naquelle sitio houvera uma importante povoação, e o espirito mal se conforma com a tradição ao contemplar tanta aridez e pobreza dos terrenos.

Ali nos dirigimos numa manhã de inverno, quando as geadas cobriam os campos, dando-lhes quasi o aspecto de nevão.

Perto andava um homem lavrando, a aguilhada entalada entre o braço direito e a jaqueta de saragoça, mettida a mão numa abertura do colete, por causa do rigoroso frio.

Bons dias, disse eu ao Carreto.

—Deus lh'os dê muito alegres. Então que se lhe offerece? disse elle, calcando com o pé esquerdo o temão do arado e fallando ás vacas: pára ahí, Castanha.

—Desejo ver o sitio dos Villares. O homem olhou-me com espanto e quasi compaixão, mas sempre se resolveu a dizer:

—É este... Ah! que vem cá por causa do bezerro de ouro.

—É verdade.

—Olhe, eu lhe digo, foi alem naquella tapada; se quizer eu lhe vou ensinar.

—Basta dizer, e eu vou só, para não lhe roubar tempo.

—Não ha duvida, não perco muitos regos, porque ainda ha muito *códam* (terreno gelado) e entrementes descansa a junta.

Chegámos ao sitio ao tempo em que o Manoel Thomás, embrulhado em uma manta, ralhando ao cão do seu rebanho, que ladrava furiosamente, chegava tambem.

—Nosso Senhor nos dê bôz dias.

—Este é que sabe cum'isso foi.

O Manoel, percebendo o que o Carreto desejava, de chapeu na mão e coçando a cabeça, numa inquietação nervosa disse: «Que havia uns pares de dias uma vaca do tí' J. do Ch. enterrou-se inté ós curvilhões e elle viu que por baixo tudo era óvado e vae disse ao ganhão que fosse ceifar marfolho (centeio em rama), porque aquella vaca se tinha entalado e aqui quedava com a junta d'elle a lavar, inté cobrir a simente».

«O ganhão foi e o amo foi logo a escrafunchar com a aguilhada aqui neste sitio, não digo bem, no buraco onde a vaca metten a perna, e c'a cobiça nas riquezas foi tamem p'ra casa e contou tudo á mulher e lá pela noite adiente pegou numa linterna e deu um canavilho (cesto pequeno) á mulher, botou-lhe um fatroco de pão e uma talhada de queijo derento, e elles lá vem em prêcura de riquezas, comendo o pão

com o piguilho do queijo. Cando chegaram já o sete estrello ia bem alto e a lua batia naquella pia que o ti' Carreto tem visto, e que o Dr. Cravella, que foi morto pelos patuleias na villa, dizia ser sepultura».

«Onde ia eu?»

— Que vinham os dois...

— «Ah! Esquecia-me dizer que trôguéram um ferro das pedras, uma enxada e uma marra. Elle pespiou logo a rachar tudo co'a marra, e os tilhões quebravam que era um regalo.

«Mas aquillo era a modos como uma capelinha, como vomecês vêem, toda forrada de tilhões por riba e dos lados.

«Lá cando le parceu o home acindeu com lumes prontos que trazia no sartum (collete) a linterna e pulou p'ra derento.

«A mulher gritou-lhe que tomasse tento não houvesse lá algum bicho e não esmurrasse a testa. Elle é que nan deu ouvidos e cando ella mal se precatou abrangeu-lhe um bezerrinho d'ouro que relumbrava muito e que achára n'uma copeira, cum'ós nichos das santas e esgueirara-se pra casa mai' la companheira, vendendo-o depois por uma conta callada.

«Arreparem qu'la lá se vê a tal copeira...».

No *Districto da Guarda*, segundo consta, veio a noticia, e affirma-se que o dono do predio vendera um bezerro de ouro a um ourives de Guimarães.

Se vendeu ou não, mal o podemos nós asseverar, mas que no sitio ficou a descoberto uma especie de tanque, cujas paredes eram feitas de tijolo, tendo dois metros de largura e altura e de comprimento uns tres, pouco mais ou menos, ninguem o póde duvidar. Era coberto de abobada de tijolo e tinha effectivamente no topo do lado do nascente uma especie de nicho.

Seria um silo, d'esses que Lafuente diz serem feitos pelos Arabes onde guardavam o trigo e milho durante muitos annos? Não podemos responder.

A pequena distancia vimos tambem uma sepultura aberta num rochedo, em tudo igual á que existe em Valle das Eguas, e no sitio da Pesqueira, num predio contiguo ao caminho de Vallongo onde se cruza com o de Valle das Eguas e Seixo.

Valle Mourisco

Nessa mesma occasião nos disse Manoel Thomás que apparecêra uma cousa semelhante na junta das Aguas e que fôra destruida pelo José Monteiro, da Lomba dos Palheiros.

O sitio fica perto e por isso não hesitei em visitá-lo no mesmo dia.

A poucos passos alem da ponte da junta das Aguas, na margem esquerda da ribeira e perto do pontão, recolhi varios fragmentos de tijolos e telhas de rebordo, de uma grande consistencia e como que vitrificados pelo fogo, a contrastarem com os achados em Ruivós, na Tapada das Cruzes, que eram mal cozidos, embora de igual feitto.

Passados dias inquiri do Monteiro o que sabia a tal respeito, e elle respondeu-me: «Que o Antonio Afonso de Pousafolles o encarregára de escangalhar umas cousas no seu chão, indo munido de ferros, enxada e uma marra. O homem scismava que havia ali grandes riquezas, mas não appareceram senão telhões. Aquillo era um quartinho todo feitto de telhões e telhas rijas como ferro e coberto todo do mesmo tijolo, esbarrundando-o com porradas de marra e picareta».

Informou-me que ali perto havia mais *quartos* assim, e que quando fizeram a estrada destruíram outros.

Pela descripção que o homem fez pareceu-me que se tratava de um forno. Merece a pena explorar o sitio antes que desapareçam os outros de que faz menção o José Monteiro.

O nome de Valle Mourisco, a tradição de ter havido ali uma povoação a pequena distancia da actual, e o apparecimento d'este *quartinho*, como o Monteiro lhe chamou, dão todas as probabilidades de bom exito numa exploração, fazendo-se excavações com prudencia.

Lapa de Maria

Existe no limite de Vallongo, na margem direita do rio Coa, a poucos passos d'este rio e perto do moinho de Afonso Pires. É difficilima a entrada nesta gruta porque tem uma abertura muito estreita e baixa, especie de cano natural, feitto de rochedos graniticos que se afastaram e por onde a custo passa um homem deitado, subindo difficilmente e sem poder dobrar-se na extensão de 1^m,5, tapando-o hermeticamente se quizer chegar ao interior.

Depois chega-se a um recinto muito irregular, constituido por diferentes anfractuosidades de rochedos e onde mal penetra a luz. Consta que existia ahi outr'ora uma galeria que a ligava ao rio, o qual não dista vinte passos.

Nesta gruta estiveram escondidas trinta pessoas no tempo da guerra peninsular, algumas das quaes nós conhecemos e que da gruta nos deram conhecimento, assim como de assassinatos e barbaridades commettidos pelos soldados franceses.

Em volta do terreno que a cérca foram feitas varias excavações

no intuito de procurarem riquezas, porque muitos tem sonhado com ellas naquelle sitio.

Ignoramos se appareceram alguns instrumentos de pedra, e que seriam ricos para uma região onde o estudo da prehistoria é ainda quasi um mytho.

Tudo leva, porém, a crer que fosse gruta utilizada pelo homem prehistorico.

Cardeal, Valle de Espinho e Folha da Torre

Perto do Cardeal, pequena povoação pertencente á freguesia de Rendo, existe um outeiro que o povo chama Castello dos Mouros, e com esta mesma designação existe outro nas proximidades de Valle de Espinho.

Num descampado, a dois kilometros de Rendo, entre esta freguesia e a da Ruvina, existe um sitio que chamam Folha da Torre, onde apparecem telhas grossas e tijolo junto de um pequeno outeiro, formado por enormes rochedos graniticos, na base do qual existem ainda restos de construcções muito singelas.

No cimo do outeiro apruma-se um monolito elevado, de base aproximadamente rectangular, unico objecto que hoje poderia trazer á mente a ideia de torre; mas só com grande esforço podemos acceitar que elle originasse o nome dado ao sitio, e por isso achamos presumivel que ali existisse alguma torre, aproveitando-se aquella elevação do terreno e talvez o referido rochedo.

Existe uma ermida a poucos passos d'ali, e pequenos filões metalliferos, pyrites de ferro, apparecem á superficie do solo a curta distancia.

Da Folha da Torre vê-se o cabeço de Caria Talaia e as muralhas em ruina.

Tudo leva a crer que ali existisse alguma atalaia no tempo em que este territorio pertencia ao reino de Leão, e não seria menos plausivel a ideia de que os Romanos ou outros povos fizessem pesquisas ou mesmo breves explorações nos jazigos de minerio, cujos filões abundam d'ali até a Ruvina. Occore ainda suppor que fossem restos de tosco monumento elevado á memoria de algum chefe. Tudo, porém, é problematico e não vemos motivo para largas indagações, naturalmente infructiferas.

Parada

Devemos ainda dar noticia do Castello dos Mouros, nome de um cabeço na freguesia de Parada, concelho de Almeida, que confina com o do Sabugal. É digno de visita. No ponto mais elevado, abre-se em

granito uma grande pia, certamente artificial, que serve de varanda ao visitante para d'ali contemplar um vastissimo horizonte. Disseram-me que existia perto uma gruta, o que não verifiquei.

*

Muitas noticias podia ministrar ainda a respeito do concelho do Sabugal, porque em muitas freguesias existem monumentos que attestam a sua antiguidade, alguns abandonados, outros ignorados, e todos sujeitos ao primeiro que se julgue com direito de destrui-los ou pelo menos mutilá-los, como succede aos pelourinhos e castellos.

O pelourinho de Villar Maior, ainda ha pouco intacto, corre o risco de desaparecer, tendo já sido destruida parte da gaiola.

D'esses monumentos fiz menção numa memoria a respeito do Sabugal.

JOAQUIM MANOEL CORREIA.

Estudos de numismatica colonial portuguesa

10. Classificação de tangas do sec. XVII

Nas colleções de alguns numismatas portugueses e estrangeiros ha certas moedas que estão omissas na obra de Teixeira de Aragão, e que, apesar de mostrarem typos já conhecidos, não tem sido classificadas de modo positivo. Posto que indiquem com clareza a officina monetaria da procedencia, tem dado causa a discussões, quanto á inter-

pretação completa das letras **DT**[↑]**S**, que estão gravadas no campo do reverso, para se saber em qual dos dominios portugueses do oriente tiveram curso.

Esta inconveniencia é, como outras, resultante do descuido com que os antigos deixavam expressas certas ideias, quasi obscuras de sentido, enygmaticas, quando não tiveram intenção especial de perpetuá-las. Quem hoje remexe em taes cinzas, frias ha seculos, raras vezes chega a conhecer as causas dos incendios.

As leis monetarias do Oriente promulgadas no tempo de D. João IV ainda hoje são menos conhecidas que as que regularam o fabrico de numerario para o curso no continente do reino, e por esta causa temos largado de mão tentativas de estudo, sendo tão imperiosa a necessidade de salvar do olvido a lembrança fugitiva de cousas do passado.